

EDITORIAL

O Brasil cresce de teimoso

A expansão do crédito sustentou o reerguer da economia brasileira no segundo trimestre deste ano. O IBGE mostrou que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,4% de abril a junho ante os três primeiros meses do ano, já com o ajuste sazonal, o que significa crescimento anualizado de 5,7%. Em relação ao mesmo período de 2004, o aumento foi de 3,9%.

A rápida expansão do crédito e da massa salarial explicam este salto. O IBGE confirmou que o crédito às pessoas físicas aumentou 36% em relação ao trimestre anterior e 19% para as empresas. Já a massa salarial cresceu 3,9% na mesma base de comparação.

Porque o crédito foi o que foi, os empresários apostaram no crescimento. E estavam certos: o consumo das famílias subiu 0,9% no segundo trimestre em relação ao primeiro. O investimento, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), cresceu 4,5% nesse trimestre em relação ao anterior e 4% em comparação com o mesmo período de 2004. É o sexto crescimento consecutivo. Ato contínuo, a indústria avançou 3% em relação ao primeiro trimestre e 5,5% ante

o mesmo período de 2004.

Não adianta discutir com fa-

tos: quem empurrou a locomotiva da economia foi a fábrica. O desempenho do setor de serviços foi bastante bom, 3,8% de expansão, inferior ao da indústria e bem maior que o da agropecuária, que alcançou só 2,9% de crescimento pelas dificuldades climáticas e perda de preços no mercado internacional. Quem

Enquanto cassandras dispensam a realidade e pedem juros altos, a indústria investe e, com oferta de crédito, amplia o mercado interno

insiste em que a indústria está desaquecendo dispensou a realidade para avaliar a conjuntura.

O aumento dos investimentos reflete projetos de infraestrutura e retomada da construção civil. A compra de bens de capital para construção cresceu 25,5% no segundo trimestre em relação ao primeiro. O PIB, como um todo, sentiu a "puxada" vindo da construção civil. Porém, os técnicos do IBGE avisaram que, apesar do aumento de 2,6% das exportações no segundo trimestre, o setor externo não contribuiu para a expansão que veio

do setor doméstico. Analistas já prevêem que a participação do setor externo no PIB, no terceiro trimestre, será negativa, porque ritmo de expansão (quantitativo, não de valor) das exportações é declinante.

Apesar dessa realidade, as cassandras já se manifestaram. Com rapidez, operadores do mercado financeiro já disseram que o "aquecimento" da economia revelado pelo IBGE pode levar o BC a ser cauteloso e adiar o corte de juros, porque manter a Selic inalterada não muda nada, mas reduzi-la, com a economia crescendo, "implica assumir mais risco". Curioso, porque o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) também falou em cautele, mas por razão diferente: a expansão pode não ter continuidade porque está sustentada em crédito, e não em aumento real de renda, "o que não deve se prolongar". Ou seja, há vozes no mercado que ostensivamente querem que a política monetária contenha o crescimento, não a inflação!

Os que ainda acreditam que o pouco que crescemos significa muito deveriam notar que, pelo terceiro mês consecutivo, o ânimo do consumidor desacelerou.

A Sondagem de Expectativas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apurou: os que avaliam o momento como "ruim" para consumo aumentaram de 52,6% em julho para 57,1% em agosto.

Nem mesmo o mercado financeiro, o deus dos "dóis da Selic", acredita que é preciso manter os juros na Lua: as Letras do Tesouro Nacional, que devem vencer entre abril de 2006 e janeiro de 2008, pagaram juros bem menores em relação aos da semana passada. Apesar desse fato, as cassandras fazem o seu serviço. Manter a expansão do PIB depende da preservação mínima do consumo doméstico.

Como os resultados negativos nas vendas dos supermercados revelam, foi o crédito, o investimento e a variação dos estoques que fizeram esta expansão. Quando a liquidez externa ceder, como já alertou Joaquim Levy, secretário do Tesouro, o Brasil dependerá do mercado interno até para dar escala e sustentar exportações. Preservando juros na Lua, as cassandras sorriem e o País permanece acuado, crescendo de teimoso. Como, aliás, o IBGE provou.